

O Sucesso de uma Aula

Certamente, ao eleger este título no presente artigo, minha elocução está intimamente ligada ao aprendizado e, mais ainda, à evolução nos momentos mágicos das aulas que o aluno experimenta. Afinal, para ser este paradigma na docência, são necessárias algumas arguições críticas que nos ajudam a repensar a nossa interatividade dentro da sala de aula.

No desenvolvimento de cada passo na nossa vida, estamos avaliando tudo à nossa volta e todos ou quase todos os senões que nos cercam visando atingir um objetivo. No ambiente escolar não é diferente este procedimento, pois avaliamos e somos avaliados a cada movimento, combinando os aspectos formativos e somativos para um diagnóstico que nos permita consolidar melhor o nosso aprendizado.¹ Quanto as avaliações somativas e diagnósticas, partimos da vivência, do conhecimento já adquirido pelo aluno para que este construa um novo conhecimento, e elabore materiais de ensino que atendam às diversas características dos alunos. Há aqueles que assimilam melhor escrevendo, outros lendo, ouvindo, ou fazendo exercícios. Elabore materiais que contemplem esses pressupostos.

Numa universidade que se propõe a ensinar, de que valeria uma avaliação ao final do curso² sem o acompanhamento ao longo do processo de ensino da disciplina? É preciso prescrever as medidas de melhor aprendizagem e consistência no exercício da construção do conhecimento. O projeto educacional deve ter uma dicotomia com uma mudança social, onde os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos, ou seja, o docente deve valorizar o processo de formação mais adequadamente, não apondo na prova final somente a nota daquela avaliação, embora seja regimental.³

¹ Um tipo de avaliação extraído de um jargão pedagógico chamado de formativa, usado pioneiramente em 1967 pelo americano Michael Scriven.

² A história da avaliação se mistura com a nossa própria colonização. A avaliação como um sinônimo de provas e exames é uma herança que data de 1599, trazida ao Brasil pelos jesuítas.

³ Chamamos de regimental a aplicação de provas previstas no regimento das universidades.

Uma reflexão importante está em alguns casos na mudança de procedimento. Não é fácil mudar. Observa-se que os mecanismos reacionários e resistentes atuam no sentido de manter tal qual o funcionamento de certos modelos já tradicionalmente aceitos, obrigando o docente a administrar um grande número de provas a todos os alunos, de forma sincrônica e padronizada,⁴ faltando-lhe tempo para praticar a avaliação formativa.

Hoje, ao olhar pela janela ou pegar um jornal pra ler, é fácil para nós, professores, chegarmos à conclusão de que o "canal tecnológico" do aprendizado mudou muito. Pertencemos a uma geração que aprendeu a ver o mundo através de livros e materiais impressos. A geração atual cerca-se de diversas engenhocas: computador, vídeo, televisão e outras tecnologias de ponta. A compreensão do mundo que os rodeia surge de forma totalmente diferente.⁵

Devemos entender a avaliação como termômetro da educação, o que não equivaleria a dizer ou continuar com a retórica aplicada por muitos que desde sempre estamos passando provas e rabiscando suas respostas de vermelho⁷. A função da avaliação dentro desse conceito seria de diagnosticar, reforçar e permitir crescer. Assim, o papel do professor é o de um conselheiro, de um orientador e não o de um juiz, júri e executor. A abordagem da avaliação como "punição" é substituída pela abordagem da "melhoria continua".

As implicações vão mais longe do que se imagina. Os testes criam nos alunos e nos professores uma cultura que nada tem com o aprender. Desde muito cedo, os assuntos que interessam nas salas de aula passam a ser: o que vai cair na prova? São saber quais páginas devem ser decoradas. O próprio professor divide o saber em segmentos. Apesar de todo o conteúdo programático seguir uma seqüência lógica em que o assunto se apóia no outro, nas provas e testes só cai a matéria do bimestre, como se a cada dois meses uma disciplina completamente nova surgisse do nada, tornando desnecessário o que foi aprendido antes.

⁴ Realize atividades individuais e de grupo. O trabalho de grupo é um momento privilegiado de confronto pelos próprios alunos em suas múltiplas inteligências. Cuidado para que não haja descompasso neste procedimento, levando somente alguns ao efetivo trabalho e todos tenham o mesmo mérito. A boa técnica recomenda grupos de até quatro alunos.

⁵ É sintomático, por exemplo, que neste Natal de 2002, um dos presentes mais pedidos pela garotada foi o telefone celular. Por que então a avaliação no Brasil precisa continuar a ser a mesma de sempre?



Referências bibliográficas

- CASTANHO, Sergio & CASTANHO, Maria Eugenia L. M. (orgs.) **O que há de novo da educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora**. São Paulo: Papyrus, 2000.
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.
- LIMA, Arievaldo Alves de. [Resenha Professor Proativo](#). Site da Universidade Estácio de Sá. Acesso em 9.03.2003
- _____. **Aspectos motivacionais**. Site do autor. Acesso em 13.03.2003.
<http://www.grupoempresarial.adm.br>
- MORETTO, Vasco Pedro. **PROVA - um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.